

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES COMPETENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL MENOR¹

Francidalva Alves Lopes

Licenciada em Pedagogia e Orientação Escolar
Universidade Federal do Maranhão
Mestranda em Ensino de 1º e 2º ciclo do Ensino Básico
Instituto Politécnico da Guarda de Portugal
Professora do Ensino Infantil do Município de São Luís-MA
francidalvaalves@hotmail.com

Luana Geíza Barros Aguiar

Aluna do 4º período de Pedagogia
Universidade Federal do Maranhão
jcaguiarluana@gmail.com

RESUMO

A exploração da literatura infantil na sala de aula através da contação de histórias têm contribuído de forma significativa para a formação de leitores e escritores competentes na sociedade. Muitas escolas se veem frustradas por não conseguirem desenvolver em seus alunos o hábito de ler e escrever com entusiasmo, contudo, escolas que cultivam a prática de contação de histórias da literatura infantil têm levado seus alunos a desenvolverem o hábito de ler por prazer, a se sobressaírem na leitura e escrita, na criatividade e interpretação, a ampliarem o seu vocabulário, assim como tem sido um estímulo para o professor ler mais e se aperfeiçoar na arte de ensinar. O objetivo deste trabalho foi investigar as contribuições que a contação de história da literatura infantil pode trazer para desenvolver as habilidades de leitura e escrita dos alunos nas escolas públicas, assim como promover a capacitação de professores e alunos para que tenham uma maior intimidade com a leitura e a escrita. Através de pesquisas bibliográficas e empírica, analisamos como a contação de histórias favorece a atenção e o interesse dos alunos para dedicarem-se mais à prática da leitura e escrita, o que os professores têm feito para incentivarem seus alunos nesta prática e, através de observações e entrevistas com os sujeitos da pesquisa, buscamos interpretar qualitativamente suas reações e respostas antes e depois da contação de histórias. Os resultados obtidos confirmam que a contação de histórias é uma ferramenta lúdica da aprendizagem que além de aguçar o imaginário e estimular a grande maioria dos alunos a ampliarem seu universo leitor, os ajudam a desenvolverem melhor sua escrita e oralidade, além de constituir uma das formas dos professores envolverem seus alunos de forma dinâmica, formando esta futura geração para uma realidade que exige não só leitores e escritores, mas pessoas autônomas, capazes de pensar e criar.

Palavras-chave: Contação de histórias. Literatura infantil. Ludicidade. Leitura e escrita.

1 INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa ocorreu durante a participação em um projeto de extensão promovido pela Editora Paulinas em parceria com a UFMA e a Biblioteca Raio de Sol de Balsas que tinha como objetivo promover o estímulo à leitura nas escolas através de oficinas de “contação de histórias”, tendo como parâmetro norteador o “Projeto Educação ReConstruir”, cuja proposta visa “[...] auxiliar os educadores a lidarem com temas emergenciais do cotidiano escolar, propondo ações que propiciem aos educandos aprendizagem e vivência de valores, por meio da literatura infanto-juvenil[...]”. (RECONSTRUIR, 2012/2013, p. 5)

Nesse momento histórico é fundamental reconhecer a importância de se tomar iniciativas que transforme a realidade denunciada por muitos estudiosos de que há um desinteresse generalizado entre os alunos no que se refere à leitura e à escrita. (GÓES, 2010).

Fazer com que os alunos tenham o hábito de ler e escrever tem sido um desafio a mais quando o próprio professor não tem este hábito como aponta Maia (2007, p. 33) ao afirmar que “[...] o professor não convence o aluno pelo exemplo, porque ressalvadas as exceções, ele próprio não é um leitor. [...]”.

Por outro lado, quando há interesse por parte dos professores muitos afirmam que “(...) frente à perspectiva de realizar uma leitura total ou parcial de obras, muitos alunos não se mostram interessados e, podemos dizer, revelam antes desânimo” (GÓES, 2010, p. 57).

Ainda segundo Góes (2010, p.62), fomentar o interesse pela leitura e escrita requer tanto disposição de professores e alunos como interesse logístico por parte das autoridades, pois como analisou, “[...] os programas para formação de professores, vê-se que apenas pequena parte deles se refere à leitura [...]”.

À luz do exposto, a nossa pesquisa pretende refletir sobre os impactos da literatura infanto-juvenil através da “contação de histórias” na vida de alunos e professores através de uma revisão bibliográfica em livros, artigos, revistas, websites etc.; investigar empiricamente numa dada instituição de ensino e aprendizagem, como tem sido a relação dos alunos e professores com a leitura e a escrita, como a escola desenvolve suas atividades pedagógicas voltadas para o desenvolvimento do hábito leitor e escritor sob os seguintes questionamentos:

- Qual a importância que a escola dá no desenvolvimento de suas atividades às obras literárias infanto-juvenis?

- Como a escola vem desenvolvendo atividades didáticas e pedagógicas lúdicas voltadas para o uso social da leitura e escrita?
- Quais são os avanços, os recursos e os desafios que a escola tem enfrentado em relação ao uso social da leitura e da escrita?

Após investigação in lócus pretendemos contribuir no processo de desenvolvimento do uso social da leitura e da escrita através da contação de estórias da literatura infantojuvenil na escola investigada para:

- Ampliar o conhecimento de obras literárias infanto-juvenis entre professores e alunos;
- Desenvolver o hábito de apreciação de uma obra sob o olhar de um leitor crítico;
- Socializar entre os professores, as técnicas empregadas na arte de contação de estórias;

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Antes que existisse a literatura infanto-juvenil, literatura era contada por narradores ou contadores de história, ao qual Góes (2010), cita: “[...] a literatura para crianças e jovens tem sua origem na idade oral do mito, enquanto o livro infantil surgiu apenas quando a sociedade tornou-se consciente das reais necessidades das crianças no âmbito da infância.” (GÓES, 2010, p. 28).

Assim como a necessidade de criação da literatura infanto-juvenil em respeito à infância, existem avanços em pesquisas que concorrem para conquistar os alunos pelo prazer em ler e escrever, aliando este efervescente mundo virtual em que estamos inseridos em favor desta conquista, como a contadora de histórias Cléo Busatto (2007) recomenda e a autora Góes (2010, p. 37) se refere ao dizer que “A função primeira da Literatura para Crianças e Jovens é a estético-formativa, a educação da sensibilidade [...]. O essencial é a qualidade da emoção [...] que presentes ou não no livro são acessíveis a todas as crianças e jovens.”

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 44), é importante que o trabalho com texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula e neste sentido, destaca que é fundamental para os alunos verem o seu professor envolvido com a leitura.

Ainda de acordo com os PCNs (BRASIL, 2007, p. 29),

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia [...]. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser

apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não-verbais conforme algumas manifestações de poesia contemporânea).

Sabemos que a leitura do escrito e a de imagens por si mesmas não são fatores de mudança que desenvolva olhar observador e leitura crítica da realidade, mas trabalhar com crianças exige que se explore o mundo através do concreto, o que a influencia a desenvolver esta habilidade muito melhor quando estimulada através da contação de histórias, a qual a faz tocar nos personagens e objetos que fazem parte da história contada, pois segundo Busatto (2007, p.64),

[...] Contar histórias implica criar imagens no ar e dar corpo ao que até então era inexistente. No instante em que o contador de histórias movimenta-se no espaço criando cenários, personagens e ações, com gestos diminutos ou ampliados, ele não está só conduzindo o nosso olhar para o que ele está gerando, mas também provocando a ilusão de que aquilo de fato existe. Mas, para o imaginário, essa ilusão é real.”

Esta ilusão provocada pela contação de histórias envolve seus expectadores na dimensão lúdica da literatura, como expressa Góes (2010):

A dimensão lúdica aberta pela literatura permite ao receptor, criança, jovem ou adulto, a livre reflexão e posterior ação sobre a realidade e uma atitude espontânea para estar e fazer parte do universo criado pela palavra literária. [...] concorre para a formação desse ser em desenvolvimento, pelo fascínio e encantamento de transitar entre a realidade e a fantasia [...] (GÓES, 2010, p. 71)

Contudo, para além do encantamento, a literatura infanto-juvenil contribui, segundo Góes (2010, p.46), “para a educação da sensibilidade [...], para a ética ou a arte de conviver, viver com o outro, no espaço da casa ou nos espaços comuns e escolares. [...], o que vêm de encontro ao que recomenda os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre os temas transversais que, além dos conteúdos específicos das áreas de conhecimentos, sugerem que se inclua no Ensino Fundamental a abordagem de temas transversais como: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho, consumo e pluralidade cultural, as quais a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (CARNEIRO, 2014, p. 246) endossa em seu art. 32.

De acordo com Donald Winnicott (1896-1971), a imaginação tem um papel fundamental na regulação das emoções e ações, a qual quando não trabalhada na infância, apresenta “[...] dificuldade em controlar os impulsos da vida adulta [...]”. (MOÇO, 2010, p. 44)

Nessa perspectiva, além da linguagem verbal possibilitar a representação e a comunicação de ideias, estabelece relações interpessoais e o “conhecimento de si mesmo” (CARNEIRO, 2014, p. 246)

declara os PCNs (BRASIL, 1997, p. 22), afirma Oliveira (2008, p. 24) e menciona Marcel Proust (BENCINI, 2003, p. 50).

Segundo Oliveira (2008, p. 41), “Não é raro o leitor colocar-se no lugar da personagem, e essa experiência [...] levá-lo a uma comunicação com seu mundo interior, na busca da superação de seus conflitos e na elaboração de seu equilíbrio.”

De acordo com Bachelard (1985), “Quando não se participa do próprio fundo da imaginação dos elementos materiais [...] não se conhece esse drama dos elementos, essa luta entre a terra e o céu” (BACHELARD apud SILVA, 2012, p.35).

3 CONCLUSÕES

Ler e escrever na atual sociedade em que subjaz a concorrência com os meios eletrônicos de entretenimento entre os alunos, apesar da contradição que cita a autora Cléo Busatto (2007) em que poucos têm paciência e tempo para ouvir, revela que há um crescente interesse pela narração oral e pela reflexão sobre o ato de contar histórias.

Neste sentido acreditamos que seja por meios “tradicionais ou contemporâneos” (BUSATTO, 2007), a contação de histórias, é a chave de resgate de que os professores precisam lançar mão para proporcionar aos seus alunos uma aprendizagem mais significativa da literatura nos dias atuais para a construção de uma sociedade leitora e escritora competente.

Esperamos que a nossa investigação e iniciativa de formar professores com as técnicas de contação de histórias seja um referencial significativo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas prazerosas de incentivo à leitura e escrita nas escolas e em iniciativas de capacitação de professores.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BENCINI, Roberta. **Por que ler os clássicos?** Nova Escola. XXVIII, n.1, 2003, p. 50.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: Leitura crítico compreensiva**, artigo a artigo. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MOÇO, Anderson. **Quanta coisa eles aprendem!** Nova Escola. XXV, n. 231, 2010, p. 42 – 50.
- OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de ensino**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- RECONSTRUIR. **Projeto Educação Paulinas**. São Paulo: Paulinas, ano I, 2012/2013.
- SILVA, Nicole Rebeca Cerbaro. **A imaginação como caminho para a ciência**. Pátio Educação Infantil. Ano X, n. 33, 2012, p. 32 - 35.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.